

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

« A estratégia comercial de Trump penalizará empresas, trabalhadores e consumidores. É um erro crasso de sua nova gestão. »

Guerra comercial ameaça economia global e prejudica os Estados Unidos

As tarifas comerciais impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, representam um retrocesso não apenas para a economia global, mas para o seu próprio país. Ao impor taxas de 25% sobre importações do México e do Canadá e elevar para 20% as alíquotas sobre produtos chineses, Trump desencadeou uma guerra comercial desnecessária. Segundo economistas, as medidas protecionistas encarecem alimentos e bens industriais, o que inevitavelmente levará ao aumento da inflação. Em resposta, países como China, Canadá e México adotaram tarifas retaliatórias, o que, no longo prazo, comprometerá as cadeias produtivas globais. Como se não bastasse, especialistas alertam que tais políticas ameaçam a estabilidade do sistema de comércio internacional, desestimulando investimentos. No final das contas, a estratégia comercial de Trump penalizará empresas, trabalhadores e consumidores. É um erro crasso de sua nova gestão.



Trump mira o agronegócio com novas tarifas de importação

A obsessão de Donald Trump por novas tarifas deve, em breve, atingir o agronegócio. Em uma sucinta publicação na rede social Truth Social, o presidente americano anunciou que pretende impor taxas sobre a importação de produtos agrícolas a partir de 2 de abril. No entanto, Trump não especificou quais produtos ou países serão afetados, deixando o mercado em alerta. A medida certamente terá forte impacto no comércio global, especialmente para países exportadores, como o Brasil.

Marin Skidmore/Divulgação



China impõe embargo a três frigoríficos brasileiros

A China suspendeu nesta semana a importação de carne bovina de três frigoríficos brasileiros: uma unidade da JBS localizada em Mozarlândia (GO), outra da Frisa em Nanuque (Minas Gerais), e uma terceira da Bon Mart em Presidente Prudente (SP). Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), o embargo não tem prazo para terminar. As autoridades alfandegárias chinesas alegaram "não conformidades" das plantas visitadas por inspetores no Brasil.

TV por assinatura encolhe com avanço do streaming e das redes sociais

Com o crescimento da internet e dos serviços de streaming, as TVs por assinatura enfrentam tempos difíceis. No ano passado, o setor contabilizou 9,3 milhões de clientes. De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações, trata-se de uma queda de 21% em comparação com 2023. Para se ter ideia da crise no setor, há uma década, cerca de 20 milhões de brasileiros acessavam TVs a cabo. Nada indica que o cenário deverá mudar. As novas gerações usam cada vez mais as redes sociais como forma de lazer.

US\$ 1,9 TRILHÃO

foi quanto os turistas internacionais gastaram em 2024. Segundo a Organização Mundial do Turismo, é o mesmo número de 2019, antes da pandemia de Covid-19

JOHANNES EISELE



Você sempre tem que fazer essa pergunta em economia: e depois? As tarifas são um ato de guerra"

Warren Buffett, megainvestidor americano, criticando os tarifas de Trump

RAPIDINHAS

» As salas Vip em aeroportos estão se tornando um grande negócio. Uma das novas empresas do segmento, a BRT Lounges planeja investir, apenas em 2025, R\$ 50 milhões em novos espaços desse tipo. A empresa deverá inaugurar nos próximos meses um lounge no BH Airport, em Belo Horizonte, e outro no Aeroporto de Viracopos, em Campinas.

» A Apple anunciou o lançamento de um gadget, o iPad Air. De acordo com a empresa, o modelo possui recursos avançados de inteligência artificial e apresenta desempenho 35% superior ao da versão anterior. No Brasil, os novos aparelhos vão custar entre R\$ 7,5 mil e R\$ 10 mil, mas não há ainda previsão de disponibilidade.

» Um consórcio liderado pela BlackRock, a maior gestora do mundo, comprou 90% de dois grandes portos do Canal do Panamá controlados pela CK Hutchison, empresa sediada em Hong Kong. O valor da transação é de US\$ 23 bilhões. O negócio foi fechado após pressão do governo Trump, que pretende reduzir a influência chinesa na região.

» Uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Recursos Humanos constatou que só 29% dos funcionários brasileiros consideram suas lideranças preparadas para enfrentar os desafios dos novos tempos. A falta de habilidades em comunicação e a pouca transparência são apontadas como as principais deficiências dos gestores.

EFEITO TRUMP

Dias de incerteza nas américas

Em nota, a agência Fitch aponta que os países das regiões Sul e Central do continente sofrem consequências da política estadunidense

» FERNANDA STRICKLAND

América Latina enfrenta um cenário externo cada vez mais desafiador, marcado por ameaças tarifárias, deportações em massa e juros elevados nos Estados Unidos, alerta um relatório divulgado ontem pela agência de classificação de risco Fitch. Com espaço fiscal reduzido, a agência alerta que os países da região têm alcance limitado para responder com estímulos, o que pode comprometer o crescimento econômico.

De acordo com a Fitch, a combinação de dólar forte e taxas de juros elevadas nos EUA deve encarecer os custos de financiamento para governos e empresas latino-americanas. Ao mesmo tempo, esse cenário pode pressionar as moedas locais e levar os bancos centrais da região a adotarem uma postura mais cautelosa em relação a cortes de juros.

"O ambiente de crescimento moderado das economias, preços de commodities mais suaves, pressões de gastos sociais e alívio limitado de taxas de juros estão nublando as perspectivas de consolidação fiscal para a região", aponta a Fitch.

A agência destaca que o Brasil, embora tenha uma perspectiva de rating estável, deve enfrentar uma desaceleração econômica em 2025 devido ao avanço da inflação, às incertezas fiscais e à manutenção de juros elevados. Além disso, o país está entre aqueles com maiores déficits fiscais projetados para o ano, ao lado de Bolívia, Colômbia e Panamá.

No caso do México, o cenário é ainda mais preocupante. O

país, que tem os Estados Unidos como seu maior parceiro comercial, pode ser fortemente impactado pelo protecionismo do governo Trump, que ameaça impor novas tarifas sobre importações mexicanas. A política de imigração mais rigorosa também pode afetar a economia, uma vez que milhões de mexicanos residem nos EUA, muitos deles sem documentação legal.

"Os países latino-americanos têm comércio expressivo com os EUA e correm o risco de serem prejudicados com aumentos de tarifas", explica o professor de Relações Internacionais Maurício Santoro.

Pressões

Apesar dos desafios, a Fitch destaca que a maioria dos ratings dos países latino-americanos permanece estável, sem perspectivas negativas no curto prazo. No entanto, o aumento dos encargos da dívida em alguns países pode gerar um acúmulo de pressões de crédito negativas, afetando o custo de financiamento e a confiança dos investidores.

Para João Kepler, CEO da Equity Fund Group, a incerteza gerada pelas políticas tarifárias de Trump pode ter impactos de longo prazo. "Ainda não sabemos os efeitos reais das políticas tarifárias de Trump, mas acredito que ainda devemos sentir. Investidores e empresários precisam de um horizonte mais estável para planejar suas decisões, especialmente em um momento em que o crédito caro e a volatilidade do câmbio impactam diretamente



Agência alerta que América Latina enfrenta crescente incerteza externa com Trump, e espaço fiscal se reduz

os negócios e os investimentos", ressalta.

A Fitch prevê um leve crescimento da economia latino-americana em 2025, com uma expansão de 2,2% no PIB regional. A retomada econômica da Argentina deve contribuir para essa alta modesta, mas o crescimento da região segue limitado pelas condições externas adversas.

Diante desse cenário, especialistas apontam que a América Latina precisa buscar estratégias para reduzir sua dependência econômica dos Estados Unidos e

fortalecer o comércio regional. O sociólogo e economista Vinicius do Carmo, reforça que o relatório da Fitch aponta que algumas das recentes reorientações políticas do governo norte-americano estão intensificando as incertezas externas enfrentadas pelos países da América Latina.

"Entre os principais fatores destacados estão as políticas comerciais mais restritivas dos EUA, como a imposição de tarifas e barreiras ao acesso ao mercado norte-americano, além das deportações em massa e das

ameaças de retaliação contra países que busquem alternativas ao dólar, como é o caso do Brics. Essas medidas representam desafios significativos para a América Latina e, em particular, para o Brasil", afirmou o economista.

Carmo cita ainda o ciclo mais longo de dólar forte e juros altos nos Estados Unidos, o que encarece o custo do investimento globalmente. "Para o Brasil, essa conjuntura é ainda mais desafiadora, dada a reduzida margem fiscal do país", observa.

Mercado pessimista

O mercado financeiro brasileiro volta a operar hoje — após o intervalo de quatro dias de carnaval —, atento aos riscos de acirramento de uma guerra comercial, após a vigência das tarifas impostas pelo presidente Donald Trump, dos Estados Unidos, a produtos oriundos do México, Canadá e China.

Ontem, sob impacto do primeiro dia do tarifaço e reações dos países envolvidos, as principais bolsas do mundo caíram fortemente.

O STOXX Europe 600, que compila o portfólio de 600 empresas de grandes, médias e pequenas empresas de 17 países da Europa, caiu 2,20%, a 550,73 pontos.

Em Londres, a queda do índice FTSE 100 foi de 1,27%, a 8.759 pontos. Em Frankfurt, o DAX recuou 3,53%, a 22.328 pontos. O CAC 40, de Paris, caiu 1,85%, a 8.047,92 pontos. Em Madri, o Ibex 35 perdeu 2,49%, a 13.039,60 pontos. Em Lisboa, o PSI 20 registrou baixa de 1,64%, a 6.700,33 pontos, enquanto em Milão, o FTSE MIB marcou variação negativa de 3,41%, a 37.736,16 pontos.

O mau humor não poupou nem mesmo o mercado norte-americano. O índice Dow Jones caiu 1,55%, aos 42.520 pontos. O Nasdaq recuou 0,35%, para 18.285 pontos e o S&P 500 encerrou o dia em queda de 1,22%, aos 5.778 pontos.